



• ARTIGOS LIVRES

- DOSSIÊ 1: INTERSEÇÕES ENTRE ESTUDOS SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS E ESTUDOS SOCIAIS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. E DOSSIÊ 2: DESDEMOCRACIA, NEOLIBERALISMO E PRECARIEDADE
- PAUTAS INSUBMISSAS: ENSAIOS, RESENHA E POEMA

Revista Debates Insubmissos



REVISTA DEBATES INSUBMISSOS

ANO III – V.3, Nº 11 – Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2020 – ISSN 2595-2803

É uma publicação quadrimestral editada pelo Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As ideias e opiniões contidas em artigos assinados ou entrevistas nesta publicação são de responsabilidade de seus(as) autores(as), não refletindo, necessariamente, o pensamento epistemológico e político deste Grupo de Pesquisa ou de seus Editores.

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista Debates Insubmissos / Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, Universidade Federal de Pernambuco. – Vol. 1, n.1 (abr. 2018). – Caruaru : Universidade Federal de Pernambuco, Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, 2018 .

Quadrimestral

ISSN 2595-2803

1. Movimentos Sociais – Periódicos. 2. Educação e Diversidade – Periódicos. I. Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.

CDD (23.ed) 303

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
GRUPO DE PESQUISA MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa

Carol Virgínia Góis Leandro

Diretor do Centro Acadêmico do Agreste

Manoel Guedes Alcoforado Neto

Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Allene Carvalho Lage

Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Mário de Faria Carvalho

Editores

Allene Carvalho Lage, Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses

Conselho Editorial Nacional

Adriano de León (UFPB); Alexandra Lima (UERJ); Ana Elisa de Castro Freitas (UFPA); Anderson Ferrari (UFJF); André Ferreira (UFPE); Benedito Medrado (UFPE); Caetano de Carli (UFRPE); Cássio Eduardo Viana Hissa (UFMG); Conceição Clarete Xavier Travalha (UFMG); Danilo Streck (UNISINOS); Debora Cristina Rezende de Almeida (UnB); Ernani Rodrigues de Carvalho Neto (UFPE); Everaldo Fernandes (UFPE); Fernando Guilherme Tenório (FGV); Gildemarks Costa e Silva (UFPE); Inês Virgínia Prado Soares (Unicamp); Jader Ferreira Leite (UFRN); Jaqueline Barbosa (UFPE); Jefferson de Souza Bernardes (UFAL); Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (UFPE); Júlia Figueredo Benzaquen (UFRPE); Lemuel Guerra (UFCG); Lourenço da Conceição Cardoso (UNILAB); Luis Távora Furtado Ribeiro (UFC); Luiz Augusto Passos (UFMG); Márcia Nina Bernardes (PUC/RJ); Márcio Caetano (FURG); Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG); Marcos Antonio Ferreira do Nascimento (FIOCRUZ); Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL); Maria do Carmo Gonçalves Santos (UFPE); Maria Lúcia Lima (UFPA); Maria Luiza Alencar (UFPB); Mario de Faria Carvalho (UFPE); Mary Ferreira (UFMA); Míriam de Fátima Chagas (MPF/RS); Mónica Franch (UFPB); Nélio Vieira de Melo (UFPE); Orlandil de Lima Moreira (UFPB); Oscar Rover (UFSC); Rebecca Abers (UnB); Regina Facchini (UNICAMP); Telmo Adams (UNISINOS); Thiago Aparecido Trindade (UnB); Thula Rafaela de Oliveira Pires (PUC/RJ); Virgínia Leal (UFPE).

Conselho Editorial Internacional

Ana Maria Simões Azevedo Brandão (UMinho - ICS, Portugal); Bruno Sena Martins (CES-UC, Portugal); Eugénie Eyeang de Libreville (ENS, Gabão); Eurídice Monteiro (UCV, Cabo Verde); Evangelina Bonifácio (ESEB- IPB, Portugal); Fatima Viegas (UAN, Angola); Fernando Lopez Parra (IAEN, Equador); Fodé Abulai Mané (FDB, Guiné-Bissau); Hector Fabio Ospina (UM, Colômbia); Inés Fernandez Moujan (UNRN, Argentina); Isabel Casimiro (UEM, Moçambique); José Antonio Frías (US, Espanha); José María Hernandez (US, Espanha); José Tranier (UNR, Argentina); Michel Maffesoli (UPD, França); Odair Barros Varela (UCV, Cabo Verde); Osvaldo Moreira (UNI – Paraguai); Pauline Mendes (INEP, Guiné-Bissau); Zélia Anastácio (UMinho, Portugal).

Redação

Andrezza Rodrigues Nogueira (UMinho, Portugal); Elizabeth Maria da Silva (SE-PE); Émerson Silva Santos (UFCG); Ericka Omena Erickson (Estados Unidos); Érika Patrícia Barbosa de Lima (UFPE); Fabia Roseana Souza Oliveira (UFPE); Fabian Cevallos Vivar (CES-UC, Portugal); Filipe Antonio Ferreira da Silva (UFPE); Maisa dos Santos Farias (OMSAL-UFPE); Marciano Antonio da Silva (UFPE); Márcio Rubens de Oliveira (UFPE); Paloma Almeida (UFPE); Roberta Rayza Silva de Mendonça (UFPE); Sérgio Antônio Rêgo (UMinho, Portugal); Ubiratan Silva do Egito Lira (UFPE).

Tradução e/ou Revisão dos Resumos

Ítalo Luis Maximiano da Silva e Veríssimo Ferreira da Silva

Projeto Gráfico

Ubiratan Egito

Capa

Mosaico de tecidos africanos

EDITORIAL

EDITORIAL

O Brasil está à deriva, vagando sem rumo no mar tormentoso da pandemia da COVID 19. O governo federal, sem nenhuma política clara sobre como enfrenta-la ou mesmo um plano definido e consistente de vacinação para todo os/as brasileiros/as – ao mesmo tempo em que politiza a procedência das vacinas para gerar confusão -, leva o Brasil a superar a marca de 200.000 mortes, e ainda assim o presidente da república minimiza esse número e a gravidade do descontrole da pandemia no Brasil. É por isto que muitas organizações, políticos, intelectuais e pessoas individualmente responsabilizam o governo por tantas mortes e o acusam de governo genocida.

4

Com a economia afundada e milhões de desempregados e sem renda, o meio-ambiente destruído, a agricultura carregada de agrotóxicos, além de enxurradas de *fake news* vindas inclusive da presidência da república e de sua família, incitando o ódio, a desinformação e até mesmo criando uma falácia contra a vacina, “lá vem o Brasil descendo a ladeira”, como cantava Moraes Moreira.

Nesse contexto está situada a educação, no limbo da disputa dos recursos públicos, a priori destinados exclusivamente à educação pública, num movimento para destinar estes recursos também para o setor privado, que por si só, já é altamente lucrativo. Após dois ministros desastrosos, mais um de currículo *fake*, o quarto Ministro da Educação, um Pastor, do setor privado da educação, assume esta pasta ministerial importante, publicando resoluções autocráticas, sem diálogo com a comunidade de especialistas e profissionais que atuam na educação. Essas resoluções inconsistentes denotam a falta de conhecimento sobre essa complexa pasta da educação que tem três esferas de atuação – federal, estadual e municipal – e níveis distintos – infantil, básica e superior - e várias modalidades de educação.

Por isso essas resoluções publicadas pelo MEC, e não se sustentam em uma primeira rodada de críticas da sociedade. O que explicita o fato de não haver uma política educacional nesse governo e sim ações precipitadas e desordenadas sendo editadas. A exemplo, podemos referir sobre as resoluções de retorno das aulas presenciais.

No âmbito do ensino superior, o presidente do Brasil continuar a interferir na nomeação dos reitores eleitos em consulta pela comunidade acadêmica, sob a alegação de querer limpar das universidades federais os reitores de esquerda e comunistas. Sob esse argumento tem desrespeitado a vontade da comunidade acadêmica definida nas urnas das universidades. Por sua vez estas instituições têm desenvolvido algumas estratégias, como não apresentar a lista tríplice e apenas o nome do mais votado, de negociar apoio no Congresso Nacional com a bancada estadual para empossar os reitores eleitos, entre outros. Nem sempre conseguem reverter a imposição do governo federal, e nesse sentido o MEC, representando a vontade pessoal de Jair Bolsonaro, tem nomeado professores(as) em último lugar na lista tríplice, ou mesmo interventores, fora da própria universidade.

Um exemplo de resistência das universidades federais é o caso da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que em transmissão ao vivo realizada no dia 07/01/2021, sua direção informou que a instituição terá dois reitores a partir do dia 8 de janeiro. Uma reitora nomeada no dia 6 de janeiro pelo governo Jair Bolsonaro (não foi a mais votada na consulta interna), a professora Isabela Andrade que assume o cargo oficialmente. E o professor Paulo Ferreira Júnior, que foi o mais votado no pleito interno. Desse modo a gestão da universidade será compartilhada, o que se constitui uma situação inédita de cogestão de dois reitores no âmbito das universidades brasileiras e possivelmente do mundo.

Outro aspecto que tem prejudicado profundamente as universidades e o avanço das ciências, especialmente na área de humanas é o corte de bolsas e a redução de recursos de apoio à pesquisa. O que tem contribuído para enfrentar esta situação são as agências de fomento estaduais, que continuam aportando recursos para pesquisas desenvolvidas pelos Programas

Pós-graduação em seus estados. Mas importa evidenciar que muitas pesquisas, apesar de tudo, têm sido desenvolvidas por pesquisadores e pesquisadoras sem nenhum apoio financeiro.

Nesse esforço, é que a grande maioria das revistas acadêmicas ligadas às universidades brasileiras vêm desenvolvendo um percurso de resistência epistemológica, e mantendo o seu funcionamento e a difusão do conhecimento produzido no Brasil. Nesse contexto é que a DEBIN publica mais um número, fechando o terceiro ano de existência com a publicação do número 11. E nessa edição, estamos aumentando o número de artigos, devido ao volume de artigos aprovados que vem se acumulando. Em vez de oito passamos para dez artigos científicos por edição, além dos da seção Pautas Insubmissas, que são em formatos mais livres.

Nesse número, na **Seção Artigos Livres** contamos com quatro artigos científicos. O primeiro artigo dessa seção de Jimena de Garay Hernandez (UERJ), Letícia Carolina Pereira do Nascimento (UFPI) e Marcio Caetano (UFPEL) denominado **El desafío de la docencia: biografía, activismo y redes curriculares en las escuelas**, parte da ideia de que as biografias são fragmentos que segundo os/as autores/as apresentam a vida em vários pontos e narram experiências, tramas e construções de identidades. Com foco nos modos e "verdades" sobre a sexualidade e como eles socializaram as experiências nas escolas apresentam as diferentes formas de atuação da sexualidade, cumprindo uma função de conhecimento e poder.

O segundo artigo dessa Seção de Anderson Ferrari (UFJF) e Luiz Davi Mazzei (UFF), com o título de **Quais são os “espaços seguros” para as homossexualidades?** se move numa escrita que toma as provocações de Patrícia Hill Collins e Judith Butler, para segundo os autores, problematizar a constituição das homossexualidades vinculada aos espaços seguros para falar de si, para resistir e para construir novas maneiras de ser e estar no mundo.

O terceiro artigo dessa Seção de Mariana Rocha Malheiros e Tereza Maria Spyer Dulci (ambas da UNILA), nomeado de **“A Palavra se fez feminista e habitou na América Latina”:** **diálogos entre a Teologia Feminista Latino-Americana, as Epistemologias do Sul e o Feminismo Comunitário**, objetiva apresentar possibilidades de diálogo entre a teologia feminista

latino-americana, as epistemologias do sul e o feminismo comunitário. Neste artigo, segundo as autoras, não se pretende dialogar na tentativa de universalizar as experiências decorrentes desse diálogo, mas apresentar suas possibilidades e posicionamentos para a construção de “outros” mundos, com ferramentas que possibilitam ver o(a) subalternizado(a) com outra percepção.

O quarto e último artigo dessa Seção de Andreia Marreiro Barbosa (UESPI e UEMA) e Silvana Maria Pantoja dos Santos (UESPI), nomeado de **Máquina do Abandono: um olhar sobre a obra Cadeia: Relatos Sobre Mulheres, De Debora Diniz**, objetiva analisar a realidade de mulheres encarceradas, a partir das interfaces entre prisão e vida social na obra **Cadeia: relatos sobre mulheres**, de Debora Diniz (2015). Tem-se como foco dois espaços que se intercambiam: o presídio, espaço físico de onde a narradora testemunha o cotidiano das presas, as condições do lugar e o tratamento que elas recebem nos ambientes autorizados à sua circulação e o espaço social.

Na **Seção Dossiê** trazemos dois Dossiês com temas distintos. O **Dossiê 1 - Interseções entre estudos sobre movimentos sociais e estudos sociais de ciência e tecnologia**, organizado por Thiago Coacci e Priscila Delgado Carvalho (ambos da UFMG) reúne três artigos. O primeiro artigo de Joaquim Pinho Pinheiro (UnB) denomina-se **Controvérsias e produção do conhecimento sobre movimentos sociais do campo no Brasil**. O segundo artigo de Diana Yizel Goyes (Corporación Universitaria Minuto de Dios, Colômbia) e Vanessa Ortiz Piedrahit (Universidad Nacional da Colombia) tem por título **Agencia desde el ensamblaje: El Caso de Tres Movimientos Ambientales En Colombia**. E o terceiro artigo de Matheus Henrique Souza Santos e Milena Pavan Serafim (ambos da UNICAMP) designa-se **Open Government Partnership: Laboratório Teórico com a Antropologia da Tecnologia e a Teoria Ator-Rede**.

O **Dossiê 2 - Desdemocracia, neoliberalismo e precariedade, organizado pelos professores João Manuel de Oliveira (UFSC) e Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG)** também reúne três artigos. O primeiro artigo de Leomir Cardoso Hilário (UFPI) denomina-se **Ascensão e colapso da razão instrumental neoliberal**. O segundo artigo de Lorena Rodrigues Tavares de Freitas (UNILA) tem por título **Desumanização, reconhecimento e**

resistência na América Latina e Caribe: uma articulação entre a teoria da precariedade de Judith Butler e o feminismo decolonial de María Lugones. E o terceiro e último artigo de Daniel Medeiros de Freitas, Marcela Silviano Brandão Lopes e Natacha Araújo Rena (os três da UFMG) tem por nome **Cartografias Indisciplinadas: Experiência extensionista nas lutas urbanas de Belo Horizonte-MG.**

Finalizando, temos a **Seção Pautas Insubmissas**, onde reunimos dois ensaios, uma resenha e um poema. O primeiro ensaio de Leonardo Tajés Ferreira (UFPEL) denominado **A mudança no direito moderno no Brasil a partir do debate das relações morais do “mundo da vida”** conforme nos diz o autor, visa debater o papel do Direito na democracia brasileira e seu impacto como garantidor do respeito à pluralidade de vivências, uma vez que a moral ética pautada no diálogo não vem se mostrando um modo efetivo de se garantir a harmonia na convivência social.

O segundo trabalho de Fabricio Pupo Antunes (CNPq e UFMS) e Tiago Duque/ (UFMS) nomeado de **Agência, gênero e sexualidade dissidentes na escola: Experiências de Jovens e Professores/as em Mato Grosso do Sul** tem por objetivo analisar as experiências positivas em relação a gênero e sexualidade dissidentes nas escolas de Mato Grosso do Sul. Para os autores, os resultados do estudo apontam para as possibilidades de agência dos/as participantes em diferentes contextos escolares, especialmente em cidades do interior do estado.

O terceiro texto dessa seção refere-se a uma resenha de autoria de Jair Zandoná (UFSC) que designa o seu texto como **Do tempo [ao] presente: para lembrar que a AIDS é uma história de todos/as nós!** A resenha é sobre o livro de Eduardo Jardim, denominado **A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós.** Publicada no Rio de Janeiro, pela Editora Bazar do Tempo, em 2019.

E por fim, fechando esta edição temos o poema de Cristóvão José dos Santos Júnior (UFBA) intitulado **Genocídio Indígena.** Sendo a poesia uma linguagem transgressora este poema ressalta a violência de maneira diversa a que os indígenas estão submetidos nas disputas de terra, natureza, cultura, corpos e dignidade, dentro de seus processos de resistência.

Superamos o ano 2020, apesar de muita dor por tantos entes queridos que se foram, de milhões de infectados e dos que tiveram a COVID 19 em estado grave e que apesar de curados carregam em sua maioria efeitos danosos, e precisam aprender a respirar, a comer e a andar. Sem contar no esforço hercúleo dos profissionais de saúde que vêm enfrentando intensamente e bravamente a COVID-19 nos hospitais. Muitos já morreram nessa luta para salvar a vida das pessoas infectadas.

Na educação, a convivemos com necessidade de reinvenção das atividades de ensino por parte de todos os professores e professoras que se desdobraram, transformando suas residências em salas de aula, criando novas pedagogias para manter a educação brasileira em funcionamento de forma remota, enquanto estavam a aprender a lidar com os recursos tecnológicos e os desafios da relação de ensinar-aprender entre professores(as) e alunos(as) no ambiente virtual.

Enfim, chegamos, em 2021 com os números da pandemia novamente numa escala crescente, mas há, entretanto, um novo fato: a aprovação das vacinas, apesar de o Brasil está na retaguarda de muitos países, inclusive da América Latina que já iniciaram a vacinação.

Este fato nos enche de esperança de mudar este panorama e a vida poder voltar a alguma normalidade. A partir do século XX as vacinas têm salvado a humanidade da morte aos milhões. E com a COVID 19, a vacina, independente do laboratório e universidade do mundo onde está sendo desenvolvida e produzida também irá salvar milhões de vidas.

Vacina para todos e todas! É direito e tem que ser universal.

Manhã de esperança, com a aprovação da vacina pela ANVISA.

Allene Lage